



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

A Traição e a Contaminação Mental – Efeito no Perpetrador

Andreia Filipa Dias Alves

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho efetuado sob orientação da Professora Doutora Ana Teresa Martins

2014

A Traição e a Contaminação Mental – Efeito no Perpetrador

Declaração de Autoria de Trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Assinatura

«Copyright» em nome de Andreia Filipa Dias Alves

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

A concretização da presente dissertação foi conseguida com a colaboração de um conjunto de pessoas, que me apoiaram ao longo deste percurso e às quais quero agradecer.

Em primeiro lugar gostava de agradecer à Prof. Doutora Ana Teresa Martins pelo apoio ao longo de todo este processo. Obrigada por todo o tempo despendido, pela paciência, apoio emocional e boa disposição com que sempre me recebeu. Pela sua exigência e rigor, que fizeram com que nunca desistisse e melhorasse cada vez mais.

Queria também fazer um agradecimento à Prof. Doutora Antónia Rós pelas sugestões proporcionadas, pois foram determinantes para a consolidação deste trabalho.

Não podia deixar de agradecer a todos os participantes desta investigação, pela disponibilidade e simpatia com que se apresentaram à realização desta demorada atividade experimental.

Agradeço à minha colega Andreia Guerreiro por ouvir compreensivamente os meus desabafos, frustrações e angústias. Obrigada por toda a amizade, pelas imensas gargalhadas e por teres tornado este percurso ainda mais especial!

Agradeço ainda ao Ricardo por toda a atenção e paciência ao longo destes meses. Por me ouvir e me apoiar incondicionalmente. Obrigada por me teres mostrado que havia vida além do trabalho académico. Sem ti teria sido muito diferente!

Queria ainda fazer um agradecimento muito especial aos meus pais por todo o esforço ao longo destes anos. Obrigada pelo apoio, pelo sacrifício e dedicação. Obrigada pelo carinho, motivação e encorajamento, pois sem isso nada teria sido possível.

Agradeço ainda a toda a minha família, amigos e colegas.

A todos um muito obrigada!

Resumo

Encontra-se descrito na literatura que episódios de traição, ou seja, situações onde um sujeito sente estar a ser, intencionalmente, prejudicado ou alvo de omissões, por parte de alguém que havia sido considerado como confiável e leal, podem constituir um trauma e desenvolver nos sujeitos pensamentos e sentimentos de contaminação mental e compulsões de lavagem. A grande maioria dos estudos nesta área têm-se centrado sobretudo nas vítimas de traição, contudo, os perpetradores deste tipo de actos têm vindo a ser, gradualmente, alvo de interesse no seio da comunidade científica. Apesar de ainda existir um número limitado de estudos acerca do tema, tem vindo a ser sugerida a possibilidade de os perpetradores de traição poderem sentir efeitos de contaminação mental e compulsões aquando a recordação de um episódio em que tenham sido eles os protagonistas de traição.

Neste contexto, tivemos como principal objetivo induzir a contaminação mental em perpetradores de traição, com o intuito de perceber o efeito desta no surgimento de comportamentos de neutralização, de sentimentos de nojo e de emoções negativas. Para o efeito, foram avaliados 40 participantes, divididos em dois grupos (Grupo Experimental e Grupo de Controlo), cada um constituído por 20 participantes. Ambos os grupos responderam a um questionário de informação sociodemográfica e a três questionários de informação psicológica e psicopatológica, nomeadamente *The Vancouver Obsessional Compulsive Inventory*, *Contamination Sensitive Scale* e *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale*. Posteriormente procedeu-se ao paradigma experimental, onde ambos os grupos responderam à escala *Positive and Negative Affect Schedule* e realizaram uma experiência de carácter narrativo. Para terminar, todos os participantes realizaram uma pausa de 5 minutos, após a qual responderam a uma entrevista final.

Os principais resultados sugerem que os perpetradores de traição desenvolveram sentimentos de contaminação mental, de nojo e emoções negativas, contudo estes sentimentos não pareceram ser suficientes para desenvolver compulsões de lavagem significativas. Os resultados serão discutidos à luz dos modelos cognitivo-comportamentais atuais que tentam compreender a origem da contaminação mental.

Palavras-chave: Traição; Contaminação Mental; Efeito no Perpetrador.

Abstract

It is described in the literature that episodes of betrayal, in other words, situations where a person feels they are being intentionally harmed or a target of omission by someone who had been regarded as reliable and loyal, can cause trauma and the subject may develop thoughts and feelings of mental contamination and washing compulsions. The vast majority of studies in this area have mainly focused on betrayal victims, however, the perpetrators of such acts have gradually become target of interest within the scientific community. While there are limited studies on the subject, it has been suggested that the possibility of the perpetrators of betrayal could themselves feel effects of mental contamination and compulsions at recall of an episode in which they too have been a victim of betrayal.

In this context, we had as main objective to induce mental contamination to perpetrators of betrayal, in order to realize the effect of the emergence of neutralizing behaviour, feelings of disgust and negative emotions. To find results, we evaluated 40 participants, divided into two groups (Experimental Group and Control Group), each consisting of 20 participants. Both groups answered a questionnaire on socio-demographic information and three questionnaires of psychological and psychopathological information, including *The Vancouver Obsessional Compulsive Inventory*, *Scale Contamination Sensitive* and *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale*. Later we proceeded to the experimental paradigm, where both groups answered the *Positive and Negative Affect Schedule Scale*, conducted an experiment in narrative nature. Finally, all participants performed a 5 minute break, after which they underwent a final interview.

The main results suggest that the perpetrators of betrayal developed feelings of mental contamination, disgust and negative emotions, yet these feelings did not seem to be sufficient to develop significant washing compulsions. The results will be discussed in light of current cognitive-behavioural models that attempt to understand the origin of mental contamination.

Key- words: Betrayal, Mental Contamination. Perpetrator Effect.

Índice

I. Introdução.....	8
II. Metodologia.....	15
1. Participantes.....	15
1.1. Instrumentos e Resultados de Caracterização Socio- Demográfica e Clínica dos Participantes.....	15
2. Paradigma Experimental.....	16
3. Procedimento.....	18
III. Resultados.....	20
1. Análise da Entrevista.....	20
1.1. Compreensão da tarefa e qualidade da recordação.....	20
1.2. Contaminação mental.....	20
1.3. Comportamentos de neutralização.....	22
1.4. Sentimentos de nojo	24
2. Análise do PANAS.....	24
IV. Discussão.....	26
Referências Bibliográficas.....	33

Anexos

Índice de Anexos

Anexo I. Consentimento Informado

Anexo II. Questionário de dados sócio demográficos

Anexo III. Questionários de Informação Psicológica e Psicopatológica

Anexo IV. *The Vancouver Obsessional Compulsive Inventory (VOCI)*

Anexo V. *Contamination Sensitive Scale (S-CTN)*

Anexo VI. *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MC-SDS)*

Anexo VII. *Positive and Negative Affect Schedule (PANAS)*

Índice de Figuras

Figura 1. Pontuação no PANAS para as emoções positivas em cada momento (antes e após a narrativa) em função dos grupos (GC vs GE).....	25
Figura 2. Pontuação no PANAS para as emoções negativas em cada momento (antes e após a narrativa) em função dos grupos (GC vs GE).....	26

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização psicológica e psicopatológica da amostra e comparação de médias entre o GC e o GE (<i>Mann-Whitney</i>).....	16
Tabela 2. Comparação das respostas da entrevista, referentes à compreensão da tarefa e qualidade da recordação, entre o GC e o GE (<i>Mann-Whitney</i>).....	20
Tabela 3. Comparação das respostas da entrevista, referentes à contaminação mental, entre o GC e o GE (<i>Mann-Whitney</i>).....	22
Tabela 4. Comparação das respostas da entrevista, referentes aos comportamentos de neutralização, entre o GC e o GE (<i>Mann-Whitney</i>).....	23
Tabela 5. Comparação das respostas da entrevista, referentes aos sentimentos de nojo, entre o GC e o GE (<i>Mann-Whitney</i>).....	24

I. Introdução

Os episódios de traição são acontecimentos comuns e, devido ao seu caráter inesperado, podem ter um efeito catastrófico sobre a vítima e dar origem a diversas perturbações psíquicas (Rachman, 2010).

A traição pode ser definida como uma ação intencional e prejudicial e que é cometida por alguém que havia sido considerado como confiável e leal. Segundo Rachman (2010), a traição pode ser classificada em cinco categorias, de referir: (1) divulgação de informação confidencial, que se refere à divulgação de informação confidencial cedida por alguém que pediu segredo sobre o assunto; (2) deslealdade, que constitui a quebra de um vínculo de lealdade/confiança para com o outro e envolve uma dimensão moral; (3) infidelidade, que diz respeito à violação de um compromisso amoroso estabelecido entre dois parceiros; (4) desonestidade, que se refere à ausência de sinceridade e integridade, encontrando-se relacionado com o ato de mentir ou enganar e (5) falha de assistência, que se resume à ausência de apoio ou auxílio por parte de alguém de quem se espera recebê-lo. Não obstante esta classificação, ocorre por diversas vezes a coexistência de mais do que um tipo de traição.

A gravidade de uma traição pode variar dependendo do significado e profundidade do vínculo de confiança e da magnitude do dano causado. No entanto, um episódio de traição envolve, geralmente, a irreversível quebra de um vínculo de confiança, que muitas vezes é substituído pela criação de uma barreira entre os envolvidos. Excepcionalmente, esta barreira pode ser suprimida, por exemplo quando a pessoa traída faz uma nova interpretação do sucedido ou adquire novas informações que invalidam a sua interpretação inicial (Rachman, 2010).

Tendo em conta os diversos tipos de traição, Rachman (2010) afirma que a divulgação de informações confidenciais causa sofrimento, pensamentos autopunitivos e raiva; a infidelidade provoca sentimentos de choque, perda, angústia, raiva, ruminações e baixa autoestima; a falha de assistência e a deslealdade geram sofrimento, descrença, raiva e ruminações; e a desonestidade provoca raiva, angústia e pensamentos autopunitivos.

Os episódios de traição, muitas vezes interpretados como eventos catastróficos, podem conduzir a um trauma (Cormer, Schmidt, & Murphy, 2007). De acordo com a literatura, as vítimas de acontecimentos traumáticos e de atos imorais (Elliott & Radomsky, 2009, 2012), como é o caso da traição, podem desenvolver sintomas característicos da Perturbação Pós-Stress Traumático (PPST) e da Perturbação Obsessivo-Compulsiva (POC)

como, por exemplo, sentimentos de contaminação mental e compulsões de lavagem (Coughtrey, Shafran, Knibbs, & Rachman, 2012; Rachman, 2010).

Uma das manifestações da PPST e da POC que, recentemente, tem sido significativamente explorada pela comunidade científica é a contaminação mental. A contaminação encontra-se associada às obsessões e refere-se a um fenômeno cognitivo caracterizado por sentimentos de sujidade. Tradicionalmente, era descrita como sendo uma sensação de sujidade física e externa. Na verdade, este tipo de contaminação - a contaminação física - é a forma mais explorada e comum desenvolvendo-se a partir do contato físico com a substância/material ou pessoa que se pensa poder afetar negativamente a saúde física e mental das pessoas (Rachman, 2006, citado por Lee e colaboradores, 2013). Neste tipo de contaminação, a fonte é identificável e dela persiste uma urgente necessidade de limpeza que pode ser aliviada através de comportamentos de lavagem da área contaminada (Fairbrother, Newth, & Rachman, 2005).

Contudo, mais recentemente, tem-se observado a existência de um outro tipo de contaminação – a contaminação mental – que é descrita como sendo uma sensação de sujidade interna e emocional. A contaminação mental surge com ou sem contato físico com a substância/material ou pessoa, é evocável por meio de imagens, memórias ou pensamentos (Fairbrother e colaboradores, 2005). Aqui o sujeito afetado é capaz de compreender que essa experiência de contaminação se restringe a si e que a sujidade não é observada nem sentida pelos outros. Além disso, a fonte de contaminação não é facilmente identificável ou localizável (Elliott & Radomsky, 2009, 2012). Deste modo, na contaminação mental, tal como na física, também existe uma urgência de limpeza, no entanto, uma vez que a fonte de contaminação é difusa, os comportamentos de lavagem não são bem sucedidos, persistindo a sensação de sujidade mesmo após a realização de rituais de limpeza.

Este tipo de contaminação tem uma significativa componente moral, pois eventos ou pensamentos percebidos como errados, inapropriados ou imorais podem vir desenvolver sentimentos de contaminação mental, como é o caso da traição. Assim, acredita-se que fonte humana imoral possa evocar sentimentos de contaminação mental, sem que exista contato com uma fonte de contaminação física (Elliott & Radomsky, 2009, 2012).

A contaminação mental pode ser dividida em quatro categorias, nomeadamente (1) violação física e (2) psicológica, frequentemente desenvolvida após uma violação; (3) poluição mental ou autocontaminação, desenvolvida através de sonhos ou pensamentos imorais; e (4) transformação, desenvolvida devido ao medo de ser transformado em algo

indesejável que lhe é próximo (e.g. pessoas sujas ou mentalmente instáveis; Lee e colaboradores, 2013).

Embora a contaminação física seja mais evidente e mais comum do que a contaminação mental, há estudos que têm vindo a demonstrar que esta última é mais frequente do que inicialmente se pensava (Coughtrey e colaboradores, 2012). Contudo estes dois tipos de contaminação não são necessariamente exclusivos, podendo coexistir simultaneamente (Coughtrey, Shafran, Lee, & Rachman, 2012).

O sentimento de contaminação mental é frequentemente acompanhado por um vasto conjunto de emoções negativas como nojo, revolta, culpa, vergonha, ansiedade e distress (Fairbrother e colaboradores, 2005), sendo que vários investigadores têm vindo a destacar a importante associação entre contaminação mental e o nojo (Badour, Feldner, Babson, Blumenthal, & Dutton, 2013; Olatunji, Lohr, Sawchuk, & Tolin, 2007). O Nojo pode ser definido como uma rejeição ou resposta de repulsa que tem como objetivo eliminar a presença de um potencial contaminante (Davey, 1994 citado por Badour e colaboradores, 2013). A teoria evidencia que os sentimentos de contaminação mental podem surgir como resultado da interpretação de sentimentos de nojo experimentados em situações de abuso sexual, significando que o sujeito foi contaminado pela experiência (Badour, Feldner, Blumenthal, & Bujarski, 2013). Sugere-se ainda que a sensibilidade para o nojo pode ser um preditor da ocorrência de compulsões de lavagem e um mediador na relação entre a contaminação e o desenvolvimento de afetos negativos (Olatunji e colaboradores, 2007). Deste modo, alguns autores têm sugerido que o nojo desempenha um papel causal na contaminação, sobretudo nas mulheres, apresentando-se como um fator de vulnerabilidade para o desenvolvimento e manutenção dos sintomas da POC (i.e., contaminação e compulsões de lavagem; Olafsson e colaboradores, 2013).

Em consequência dos sentimentos de nojo e de medo de contaminação, muitas vezes, os sujeitos vão recorrer a comportamentos de neutralização, como é o caso das compulsões de lavagem. Estas são caracterizadas por tentativas repetidas e, geralmente, mal sucedidas, que os sujeitos realizam, com o objetivo de se limparem a si próprios ou de limpar objetos de pertença percebidos como contaminados. Assim, o sujeito vai repetir esse ritual de lavagem até o sentimento de sujidade, interna ou externa, desaparecer (Elliott & Radomsky, 2009).

De modo a compreender se situações traumáticas podem desencadear sentimentos de contaminação mental e, conseqüentemente, compulsões de lavagem, foi realizado um estudo (Fairbrother & Rachman, 2004). Os autores avaliaram um grupo de 50 mulheres vítimas de violência sexual, recrutadas inicialmente por contato telefónico, através do qual foram

realizadas algumas questões pertinentes para a seleção das candidatas à experiência. Após a seleção da amostra final, os investigadores recorreram a um paradigma experimental em que, numa primeira fase, era pedido que as participantes recordassem uma situação agradável da sua vida e avaliassem os sentimentos de ansiedade, angustia, sujidade interna e necessidade de lavagem provocada pela situação, numa segunda fase, era pedido que as participantes recordassem a parte mais angustiante da experiência de violência sexual e avaliassem os sentimentos de ansiedade, angustia, sujidade interna e necessidade de lavagem provocada pela situação. Após esta tarefa, foi realizada uma pausa de 5 minutos, na qual foi dada a possibilidade de utilização da casa de banho. Posteriormente, os investigadores questionaram se as participantes haviam utilizado a casa de banho ou lavado as mãos e o motivo desse comportamento. Por fim, as participantes foram submetidas ao *The Clinician Administered PTSD Scale*, de modo a explorar os sintomas da PSPT, e a um conjunto de questionários iniciados antes do paradigma experimental. Esse estudo sugeriu que cerca de 60% das participantes relataram sentimentos de contaminação física e mental, urgência de limpeza e comportamentos de lavagem compulsiva após a experiência de agressão. Além disso, observou-se ainda que os sentimentos de contaminação mental persistiam independentemente do contato físico inicial com os agressores, isto é, ao recordarem a experiência de violência sexual, as participantes apresentaram sentimentos de contaminação mental com conseqüente necessidade de limpeza e compulsões de lavagem. Com isto, conclui-se que os sentimentos de contaminação mental, induzidos com ou sem contato físico, parecem originar nas vítimas de acontecimentos traumáticos e/ou atos não-consensuais, uma intensa necessidade de limpeza e comportamentos de lavagem, os quais têm como objetivo remover sentimentos de sujidade externa ou interna.

Alguns investigadores têm vindo a explorar estas hipóteses, testando também a possibilidade dos sentimentos de contaminação mental poderem ser induzidos ou exacerbados sem recorrer ao contato físico, através da imaginação de imagens, pensamentos, memórias ou condutas inaceitáveis, culminando em sentimentos de sujidade interna e (ou compulsões de lavagem (Rachman, 2010). Para confirmar a possibilidade de induzir sentimentos de contaminação mental sem recorrer ao contato físico, Fairbrother e colaboradores (2005) criaram um paradigma experimental denominado "*Dirty Kiss*". Este paradigma foi aplicado a 121 estudantes universitárias e consistiu em pedir às participantes que imaginassem um de dois cenários descritos numa gravação de tipo áudio, sendo que uma descrevia um cenário em que eram vítimas de um beijo não-consensual numa festa e outra descrevia um cenário em que eram vítimas de um beijo consensual no mesmo contexto. Deste

modo, os investigadores observaram que as participantes submetidas à gravação referente ao cenário em que eram vítimas de beijo não-consensual relataram significativamente mais sentimentos de poluição mental, cognições e emoções negativas, nomeadamente aborrecimento, raiva e ansiedade, e urgência de limpeza, em relação às participantes submetidas à gravação referente ao cenário de beijo consensual.

O processo através do qual a imaginação de eventos inaceitáveis pode provocar contaminação mental e compulsões de lavagem é a dúvida e a fusão pensamento-ação. Relativamente à dúvida, quando um indivíduo com contaminação mental experimenta uma imagem vívida e inaceitável poderá duvidar se realmente se encontra comprometido com a imagem, assim ao colocar a possibilidade de estar relacionado com tal imagem, o indivíduo tende a sentir-se sujo e a desenvolver um intenso desejo de limpeza (Shafran, Thordarson, & Rachman, 1996).

Segundo Rachman (1993), no mecanismo fusão pensamento-ação, os pensamentos, especificamente os intrusivos, são interpretados como tendo um significado especial. Deste modo, sujeitos que recorrem a este mecanismo tendem a acreditar que pensar num evento inaceitável ou perturbador vai tornar mais provável que esse evento ocorra na realidade. A fusão pensamento-ação pode ser culturalmente determinada, sobretudo pela religião, pois a interpretação desse pensamento encontra-se relacionada com a componente moral do sujeito, i.e., quanto mais elevado for o valor moral do sujeito, mais ele se vai sentir responsável pela possível ocorrência desse evento (Shafran e colaboradores, 1996).

Apesar da grande maioria dos estudos se centrarem sobretudo no desenvolvimento de sentimentos de contaminação mental nas vítimas de traição, os efeitos desta no perpetrador têm vindo a ser, gradualmente, alvo de interesse por parte da comunidade científica. Na literatura, têm sido mencionadas histórias que revelam que os perpetradores de atos não consensuais, como é o caso da traição, podem desenvolver sentimentos de contaminação mental e consequentes compulsões de lavagem. Exemplo disso é o caso da Lady Macbeth, retratado pelo famoso dramaturgo inglês William Shakespeare. Na obra, Lady Macbeth convence o marido a matar o rei Duncan, para que os próprios possam assumir o reino da Escócia, porém, embora não tendo assistido ao assassinato, ela acaba severamente atormentada pela culpa. Ao que parece, Lady Macbeth recorre a repetidos rituais de lavagem para absolver o sentimento de culpa, contudo esses rituais não se revelam bem sucedidos e esta acaba por morrer, aparentemente por suicídio (Rachman, Radomsky, Elliott, & Zysk, 2012).

Inspirados nestas e por estas histórias, Elliott e Radomsky (2009b citado por Rachman, 2010), procederam à manipulação do paradigma “*Dirty Kiss*”, com o objetivo de observar a possibilidade de indução de sentimentos de contaminação mental nos perpetradores de traição. Neste novo paradigma, no qual participaram sujeitos do gênero masculino, era pedido aos participantes que imaginassem um de dois cenários descritos numa gravação de tipo áudio, sendo que uma descrevia o cenário em que eram perpetradores de um beijo não-consensual numa festa e outra descrevia um cenário em que eram perpetradores de um beijo consensual no mesmo contexto. De modo semelhante ao que se observou na aplicação do paradigma original, os investigadores observaram que os participantes submetidos à gravação referente ao cenário em que eram perpetradores de beijo não-consensual relataram significativamente mais sentimentos de poluição mental, emoções negativas, nomeadamente de vergonha e culpa, e urgência de limpeza, em relação aos participantes submetidos à gravação referente ao cenário de beijo consensual.

Num outro estudo, Rachman e colaboradores (2012) também procederam à manipulação do paradigma do “*Dirty Kiss*”, com o objetivo de observar não só a possibilidade de indução de sentimentos de contaminação mental nos perpetradores mas também a possibilidade de ocorrência de compulsões de lavagem. Neste estudo participaram 40 sujeitos do gênero masculino e, ao paradigma de Elliott e Radomsky, os autores acrescentaram um intervalo de cinco minutos, realizado após a audição da gravação, durante o qual os participantes podiam ir à casa de banho (onde tinham recurso a água, desinfetantes ou toalhas). Tal como se observou nas anteriores manipulações do “*Dirty Kiss*”, neste estudo também se observou que os participantes do cenário em que eram perpetradores de beijo não-consensual relataram significativamente mais sentimentos de poluição mental e de emoções negativas (ansiedade, nojo, vergonha, raiva, culpa e tristeza) assim como urgência de limpeza. Além disso, as emoções negativas parecem ser minimizadas recorrendo a comportamentos de lavagem.

De acordo com os estudos realizados consultados, torna-se plausível sugerir a possibilidade de indução de sentimentos de contaminação mental sem contato físico, quer em vítimas quer em perpetradores de atos não-consensuais, inaceitáveis, imorais ou traumáticos.

Ao que parece, os efeitos da contaminação mental, associada a este tipo de situações, são semelhantes tanto em vítimas como em perpetradores. Assim, é possível sugerir que após uma situação não-consensual, inaceitável, imoral ou traumática (como é o caso da traição), tanto vítimas como perpetradores, tendem a apresentar um significativo aumento de sentimentos de contaminação mental, de emoções negativas, de urgência e compulsões de

lavagem. No entanto, no que refere às emoções negativas, o aumento que os perpetradores sofrem parece ser menor do que o aumento sofrido pelas vítimas (Rachman, 2010).

Ainda que grande parte dos estudos revelem resultados consensuais no que se refere ao sentimento de contaminação provocado pela traição, e de acordo com alguns autores, existem questões merecedoras de serem empiricamente aprofundadas. Segundo (Elliott & Radomsky, 2012), seria relevante investigar uma maior diversidade de eventos negativos e que não envolvam contato físico, tal como a traição e outros estímulos sujos que não o “*Dirty Kiss*”, tal como uma maior diversidade de emoções relacionadas com a contaminação mental, como é o caso do nojo (Badour e colaboradores, 2013; Coughtrey, Shafran, & Rachman, 2014). Os efeitos no perpetrador também se afiguram como uma necessidade de investigação visto que uma grande maioria dos estudos se centra nos efeitos da traição na vítima e apenas quantos um número mínimo de estudos foram realizados com perpetradores.

Deste modo, propõe-se como objetivo deste estudo a indução de contaminação mental em perpetradores de traição, com o fim de perceber o efeito que esta tem no surgimento de comportamentos de neutralização (i.e. compulsões de lavagem e consumo de água), de sentimentos de nojo e de emoções negativas neste grupo.

Neste sentido, colocam-se como hipóteses do presente estudo:

Hipótese 1 – A recordação de uma situação de traição, produzirá nos perpetradores da mesma, sentimentos de contaminação mental.

Hipótese 2 – A recordação de uma situação de traição, produzirá nos perpetradores da mesma, comportamentos de neutralização, como impulsos de lavagem e consumo de água.

Hipótese 3 – A recordação de uma situação de traição, produzirá nos perpetradores da mesma, sentimentos de nojo.

Hipótese 4 – A recordação de uma situação de traição, produzirá nos perpetradores da mesma, um aumento de emoções negativas.

Pensamos que um maior esclarecimento destas questões poderá contribuir para um conhecimento mais aprofundado da contaminação mental e das compulsões, sintomatologia comum em quadros clínicos bastante complexos como, por exemplo, a PPST e a POC. Uma melhor compreensão dos mecanismos envolvidos (culpa, moral, nojo) na etiologia e

manutenção deste tipo de perturbações pode contribuir para o desenvolvimento de abordagens terapêuticas mais eficazes.

II. Metodologia

1. Participantes

No total foram avaliados 40 participantes (20 do género feminino e 20 do género masculino), estudantes da Universidade do Algarve. Os participantes foram de forma aleatória divididos em dois grupos : (1) Grupo Experimental (GE) constituído por 20 participantes (10 do género feminino e 10 do género masculino), com uma média de idades de 20.30 (± 1.63), solteiros (80%), de estatuto sócio-ecómico médio (80%) e com licenciatura completa (55%); e (2) Grupo Controlo (GC) constituído por 20 participantes (10 do género feminino e 10 do género masculino), com uma média de idades de 20.05 (± 1.76), solteiros (100%), de estatuto sócio-ecómico médio (70%) e com o ensino secundário completo (80%).

Constituíram critérios de exclusão do estudo sujeitos cuja língua materna não fosse o português, cuja a idade se situasse abaixo dos 18 anos ou acima dos 30 anos e sujeitos com conhecimentos prévios acerca do paradigma.

1.1. Instrumentos e Resultados de Caracterização Socio-Demográfica e Clínica dos Participantes

Para a caracterização dos grupos e como forma de garantir a homogeneidade entre os mesmos, todos os participantes responderam a um questionário de informação sociodemográfica (ver Anexo II) e a três questionários de informação psicológica e psicopatológica (ver Anexo III), nomeadamente (1) *The Vancouver Obsessional Compulsive Inventory* (VOCI; Thordarson, Radomsky, Rachman, Roz Chafran, Sawchuk & Hakstian, 2004; ver Anexo IV), que avalia os sintomas característicos da perturbação obsessivo-compulsiva; (2) *Contamination Sensitive Scale* (S-CTN; Rachman, 2005; ver Anexo V), que avalia a sensibilidade dos indivíduos à contaminação; e (3) *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale* (MC-SDS; Crowne & Marlowe, 1960; ver Anexo VI), que avalia o nível de desejabilidade social.

Os principais resultados da caracterização sociodemográfica, sugerem a inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre grupos para a média de idades ($U = 178.50$; $p = 0.552$) e estatuto socioeconómico ($U = 182.00$; $p = 0.760$). Porém, relativamente ao estado civil ($U = 160.00$; $p = 0.038$) e às habilitações dos participantes ($U = 96.50$; $p = 0.002$), existem diferenças estatisticamente significativas, com o grupo experimental a apresentar uma escolaridade superior. Face aos resultados da caracterização psicológica e psicopatológica, tal como é possível observar na tabela 1, podemos sugerir a inexistência de diferenças estatisticamente significativas no VOICI ($U = 150.00$; $p = 0.172$), S-CTN ($U = 192.00$; $p = 0.829$) e MC-SDS ($U = 165.00$; $p = 0.343$). Neste contexto, podemos afirmar que no momento prévio à realização da experiência os participantes de ambos os grupos eram homogêneos nas variáveis psicológicas medidas.

Tabela 1. Caracterização psicológica e psicopatológica da amostra e comparação de médias entre o GC e o GE (*Mann-Whitney*).

	GE (N=20) M (DP)	GC (N=20) M (DP)	U	<i>p</i>
VOICI	26.60 (±18.84)	38.25 (±29.19)	149.50	0.172
S-CTN	27.75 (±14.11)	28.95 (±13.87)	192.00	0.829
MC-SDS	125.30 (±15.53)	125.30 (±15.53)	165.00	0.343

Legenda: VOICI- *The Vancouver Obsessional Compulsive Inventory* (Thordarson, Radomsky, Rachman, Roz Chafran, Sawchuk & Hakstian, 2004); S-CTN- *Contamination Sensitive Scale* (Rachman, 2005); MC-SDS- *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale* (Crowne & Marlowe, 1960); *p* – valor de significância do teste.

2. Paradigma Experimental

O paradigma experimental desenhado para este estudo foi dividido em quatro momentos. Num primeiro momento foi pedido aos participantes que respondessem à escala *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS; Watson & Clark, 1994; adaptação

portuguesa por Galinha & Pais-Ribeiro, 2005), com o objetivo avaliar os estados emocionais específicos do momento (ver Anexo VII).

Num segundo momento, procedeu-se a uma experiência de carácter narrativo, na qual era pedido aos participantes do GE que narrassem uma história em que tivessem cometido um qualquer tipo de traição. Para que os participantes soubessem o que entendiamos por traição, definimos os cinco tipos de traição e demos exemplos práticos de cada um. Com este tipo de paradigma tivemos como principal objectivo induzir a contaminação mental a partir da recordação de histórias pessoais, tal como havia sido feito por Fairbrother e Rachman (2004), diminuindo assim as interferências relacionadas com a impessoalidade, veracidade e vividez da situação de traição.

Tendo em conta as considerações anteriores, assim foram as instruções dadas ao GE:

“Por favor, recorde e descreva, durante um período de 10 minutos, um evento relativamente marcante da sua vida em que sentiu ter traído alguém. Os exemplos podem incluir infidelidade, deslealdade, desonestidade, falha de assistência e divulgação de informação confidencial.

Tente reviver esse momento no qual se sentiu perpetrador de traição e descrevê-lo de forma precisa e detalhada quanto possível. Inclua detalhes dos pensamentos, sentimentos e sensações dessa situação e de como se sente atualmente relativamente a ela. Lembre-se que tudo o que escrever é completamente confidencial.

Terá 10 minutos para escrever. Por favor, escreva o total de 10 minutos.”

De modo a controlar os efeitos de primazia e recência, distribuiu-se várias versões desta instrução, aleatorizando a ordem dos tipos de traição.

Relativamente ao GC, as instruções eram as seguintes:

“Por favor, recorde e descreva, durante um período de 10 minutos, um evento relativamente neutro da sua vida, em que não se sentiu mal nem bem. Os exemplos podem incluir uma atividade desportiva, a matéria de uma aula ou uma rotina diária.

Tente reviver esse momento e descrevê-lo de forma precisa e detalhada quanto possível. Inclua detalhes dos pensamentos, sentimentos e sensações dessa situação. Lembre-se que tudo o que escrever é completamente confidencial.

Terá 10 minutos para escrever. Por favor, escreva o total de 10 minutos.”

Num terceiro momento, após a realização desta narrativa, realizou-se uma pausa, com a duração de 5 minutos, na qual eram dadas as seguintes instruções:

“Agora chegou o momento em que vamos fazer uma pequena pausa. Se quiser beber água, ir à casa de banho ou fazer outra coisa, terá 5 minutos para o fazer.”

Num quarto e último momento, foi realizada uma entrevista aos participantes com o objetivo de explorar os sentimentos de contaminação mental, de nojo e outros comportamentos realizados pelos participantes durante a pausa (nomeadamente os comportamentos relacionados com compulsões de lavagem; ver Anexo VIII). No momento seguinte, foi aplicada novamente a escala *Positive And Negative Affect Schedule* (PANAS; Watson & Clark, 1994; adaptação portuguesa por Galinha & Pais-Ribeiro, 2005), de modo a verificar o impacto das narrativas nas emoções dos sujeitos.

3. Procedimento

Os participantes foram selecionados através de uma técnica de amostragem não probabilística e por conveniência. A recolha de dados foi realizada em 6 semanas, num laboratório de psicologia com privacidade e isento de ruídos, no Campus das Gambelas da Universidade do Algarve.

No momento inicial da testagem, foi transmitido aos participantes em que consistia o paradigma experimental e que a sua participação era voluntária, anónima e confidencial, uma vez que os dados obtidos possuíam fins meramente científicos. Desta forma, caso o participante aceitasse colaborar no estudo, deveria assinar o consentimento informado entregue pelo investigador (ver Anexo I).

Numa segunda fase do estudo, os participantes foram escolhidos aleatoriamente para integrarem o GE ou o GC, tendo sido administrado aos mesmos um questionário de informação sociodemográfica e clínica, nomeadamente através de um questionário sociodemográfico, e das escalas *The Vancouver Obsessional Compulsive Inventory* (VOCI; Thordarson, Radomsky, Rachman, Roz Chafra, Sawchuk & Hakstian, 2004), *Contamination*

Sensitive Scale (S-CTN; Rachman, 2005) e *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale* (MC-SDS; Crowne & Marlowe, 1960).

A aplicação dos instrumentos acima descritos foi realizada de forma individual e após o seu preenchimento foi pedido aos sujeitos que realizassem o paradigma experimental desenhado para o presente estudo.

No fim de todo o protocolo, os participantes colocaram os questionários e o relato num envelope branco fechado, que continha apenas um número. Os envelopes anónimos entregues de forma sequencial a dois investigadores independentes para que os mesmos pudessem classificar as narrativas de acordo com a tipologia das traições, designadamente infidelidade, deslealdade, desonestidade, falha de assistência e divulgação de informação confidencial. Foi solicitado aos investigadores que atribuíssem ao número de cada envelope um tipo de traição, tendo em conta categorias previamente estabelecidas. Todos os relatos foram destruídos assim que a tarefa de categorização foi finalizada. Depois foi realizada uma análise de concordância entre juízes e o coeficiente de concordância *kappa* foi de 0.708 o que significa a existência de um acordo substancial.

No momento seguinte à classificação e validação das narrativas, procedeu-se ao tratamento dos mesmos com recurso à ferramenta estatística de análise de dados para fins científicos ao *software IBM SPSS Statistics Data Editor* (versão 21). Em primeiro lugar foi construída uma base de dados para o estudo, depois foram introduzidos os dados recolhidos e por fim foram realizadas as diversas operações estatísticas. Para a caracterização sociodemográfica das amostras foram calculadas medidas de tendência central (média) e de dispersão (desvio-padrão). Para a análise da entrevista, foi testada a significância das diferenças entre os grupos (GE vs. GC), com recurso ao teste não-paramétrico de *Mann-Whitney* e tabelas de frequências. Para a análise do *PANAS* recorreu-se a uma análise de variância com medidas repetidas (*Anova Repeated Measures*).

No momento prévio à aplicação da experiência, foi realizado um pré-teste com o objetivo de testar experiência e verificar a existência de possíveis falhas no procedimento da mesma. Esta pré-testagem contou com um grupo de 7 participantes do género feminino, com uma média de idades de 20.29 (± 0.95), solteiros (100%), de estatuto sócio-ecómico médio (70%) e com o ensino secundário completo (80%). Uma vez que não se observou quaisquer falhas no decorrer do pré-teste, procedeu-se à aplicação da experiência ao resto dos participantes.

III. Resultados

1. Análise da Entrevista

Para facilitar a leitura dos resultados, a análise da entrevista foi dividida em quatro categorias, designadamente (a) compreensão da tarefa e qualidade da recordação, (b) contaminação mental, (c) comportamentos de neutralização e (d) sentimentos de nojo.

1.1. *Compreensão da tarefa e qualidade da recordação*

No que concerne à compreensão da tarefa, avaliada pelas questões enunciadas na tabela 2, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Estes resultados sugerem que ambos os grupos consideraram que a instrução das tarefas que lhe foram dadas foi muito clara, tendo sido capazes de recordar muito vividamente a situação relatada.

Tabela 2. Comparação das respostas da entrevista, referentes à compreensão da tarefa e qualidade da recordação, entre o GC e o GE (*Mann-Whitney*).

	GE (N=20) Média (DP)	GC (N=20) Média (DP)	U	<i>p</i>
Em que medida considera que a instrução das tarefas que lhe foram dadas foi clara? ¹	4.65 (±0.59)	4.40 (±0.75)	165.50	0.276
Quão vívida foi a recordação da situação relatada? ¹	4.05 (±0.76)	4.15 (±0.81)	185.00	0.665

Legenda: ¹Questões pontuadas numa escala de tipo *Likert* (1-Nada; 2-Pouco; 3-Razoavelmente; 4-Muito; 5-Extremamente); *p* – valor de significância do teste

1.2. *Contaminação mental*

No que toca à contaminação mental, tal como se observa na tabela 4, na questão “Em que medida a recordação da situação o/a fez sentir-se incomodado/a?”, o GC obteve uma pontuação inferior ao GE, tendo-se verificado diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($U = 86.00$; $p = 0.001$).

Aos participantes que relataram sensações de incomodo, foi pedido que definissem essa sensação, pelo que 15% dos participantes do GC definiu essa sensação como “mal-estar” (N = 3) e outros 15% definiu como “aborrecimento” (5%; N = 1), “saudades” (5%; N = 1) e “vontade de fumar” (5%; N = 1), enquanto 30% dos participantes do GE definiu essa sensação como “mal-estar” (N = 6), 25% definiu como “arrependimento/culpa” (N = 5), 10% definiu como “ansiedade/nervosismo” (N = 2) e outros 10% definiu como “aborrecimento” (5%; N = 1) e “tristeza” (5%; N = 1).

Aos mesmos participantes, foi pedido que mencionassem o que havia sido feito para diminuir essa sensação, pelo que 10% dos participantes do GC mencionou “não pensar no assunto/pensar noutro assunto” (N = 2) e 5% mencionou não fazer “nada” (N = 1), enquanto 35% dos participantes do GE mencionou “não pensar no assunto/pensar noutro assunto” (N = 7) e 10% mencionou “acalmar” (5%; N = 1) e “ver o lado positivo da situação” (5%; N = 1).

Relativamente à questão “Em que medida considera que a recordação da situação o/a fez sentir-se mentalmente contaminado/a?”, o GC obteve uma pontuação inferior ao GE, verificando-se mais uma vez diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($U = 85.00; p = 0.001$).

No que se refere à questão “Em que medida considera que a situação imaginada o fez sentir-se contaminado/a de uma forma que não consegue descrever em termos físicos, ou seja, com uma sensação de estar contaminado/a internamente?”, o GC registou uma pontuação inferior ao GE, contudo esta diferença entre os grupos não se revelou estatisticamente significativa ($U = 136.50; p = 0.072$).

Tabela 3. Comparação das respostas da entrevista, referentes à contaminação mental, entre o GC e o GE (*Mann-Whitney*).

	GE (N=20) Média (DP)	GC (N=20) Média (DP)	U	p
Em que medida a recordação da situação o/a fez sentir-se incomodado/a? ¹	3.15 (±1.04)	1.95 (±1.00)	86.00	0.001**
Em que medida considera que a recordação da situação o/a fez sentir-se mentalmente contaminado/a? ¹	2.20 (±0.95)	1.26 (±0.56)	85.00	0.001**
Em que medida considera que a situação imaginada o fez sentir-se contaminado/a de uma forma que não consegue descrever em termos físicos, ou seja, com uma sensação de estar contaminado/a internamente? ¹	1.80 (±1.01)	1.26 (±0.56)	136.50	0.072

Legenda: ¹Questões pontuadas numa escala de tipo *Likert* (1-Nada ; 2-Pouco; 3-Razoavelmente; 4-Muito; 5-Extremamente); p – valor de significância do teste, *p≤0.05; **p≤0.001

1.3. *Comportamentos de neutralização*

Quanto aos comportamentos de neutralização, tal como se pode observar na tabela 5, na questão “Bebeu água durante o tempo em que esteve sozinho/a?”, o GC obteve uma menor percentagem de respostas afirmativas e uma maior percentagem de respostas negativas em comparação ao GE, contudo estas diferenças entre os grupos não se revelaram estatisticamente significativas (U = 160.00; p = 0.202).

Aos participantes que relataram ter bebido água, foi pedido que relatassem o motivo do consumo, pelo que 10% dos participantes do GC relatou que havia consumido água por “sede” (N = 2) e 5% por “calor” (N = 1), enquanto 15% dos participantes do GE relatou que havia consumido água por “sede” (N = 3), 10% para se acalmar (N = 2) e 10% por terem a “boca seca” (N = 2).

No que diz respeito à questão “Depois de recordar a situação sentiu necessidade de utilizar a casa de banho para lavar ou limpar alguma parte do seu corpo?”, o GC obteve uma menor percentagem de respostas afirmativas e uma maior percentagem de respostas negativas em comparação ao GE, contudo estas diferenças entre os grupos não se revelaram estatisticamente significativas (U = 171.50; p = 0.323).

Aos participantes que relataram ter sentido necessidade de utilizar a casa de banho para lavar ou limpar alguma parte do seu corpo, foi pedido que mencionassem que parte do corpo e o motivo dessa necessidade, pelo que apenas 5% dos participantes do GC respondeu que a parte do corpo que havia lavado foi as “mãos” (N = 1), não tendo justificado o motivo desse comportamento, enquanto que no GE 5% dos participantes respondeu que a parte do corpo que havia lavado foi as “mãos” (N = 1) e 5% dos mesmos respondeu que o motivo desse comportamento foi “necessidade” (N = 1).

Do mesmo modo, em relação à questão “Se fez alguma destas coisas com o objetivo de eliminar possíveis sensações de sujidade, sentiu-se mais limpo/a depois de o fazer?”, o GC obteve uma maior percentagem de respostas afirmativas e uma menor percentagem de respostas negativas em comparação com o GE, contudo estas diferenças entre os grupos não se revelaram estatisticamente significativas (U = 18.50; $p = 0.726$).

Tabela 4. Comparação das respostas da entrevista, referentes aos comportamentos de neutralização, entre o GC e o GE (*Mann-Whitney*).

	GE (N=20) (%)		GC (N=20) (%)		U	p
	Sim	Não	Sim	Não		
Bebeu água durante o tempo em que esteve sozinho/a?	50%	50%	30%	70%	160.00	0.202
Depois de recordar a situação sentiu necessidade de utilizar a casa de banho para lavar ou limpar alguma parte do seu corpo?	15%	85%	5.3%	94.7%	171.50	0.323
Se fez alguma destas coisas com o objetivo de eliminar possíveis sensações de sujidade, sentiu-se mais limpo/a depois de o fazer?	12.5%	87.5%	20%	80%	14.00	0.726

Legenda: p – valor de significância do teste

1.4. Sentimentos de nojo

Relativamente aos sentimentos de nojo, tal como se pode observar na tabela 6, na questão “Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo da/as pessoa/as que traíu?”, o GC obteve uma pontuação inferior ao GE, contudo estas diferenças entre os grupos não se revelaram estatisticamente significativas não se verificam diferenças estatisticamente significativas ($U = 172.00$; $p = 0.690$).

Relativamente à questão “Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo de si próprio/a?”, o GC obteve uma pontuação inferior ao GE, observando-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($U = 89.00$; $p = 0.001$).

Tabela 5. Comparação das respostas da entrevista, referentes aos sentimentos de nojo, entre o GC e o GE (*Mann-Whitney*).

	GE (N=20) Média (DP)	GC (N=20) Média (DP)	U	<i>p</i>
Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo da/as pessoa/as que traíu? ¹	1.20 (± 0.52)	1.11 (± 0.32)	172.00	0.690
Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo de si próprio/a? ¹	2.15 (± 0.99)	1.21 (± 0.54)	89.00	0.001**

Legenda: ¹Questões pontuadas numa escala de tipo *Likert* (1-Nada; 2-Pouco; 3-Razoavelmente; 4-Muito; 5-Extremamente); *p* – valor de significância do teste; * $p \leq 0.05$; ** $p \leq 0.001$

2. Análise do PANAS

Para a análise das emoções (positivas e negativas) ao longo do paradigma experimental, recorreremos a uma análise de variância com medidas repetidas (*ANOVA repeated measures*). Foram considerados os seguintes fatores: (1) grupo (GC vs GE), como fator inter-sujeito; (2) momento (1 – antes da narrativa; 2 – após a narrativa) como factor intra-sujeito; e como variável dependente a pontuação média do *PANAS*.

No que se refere às emoções positivas, tal como se pode observar na figura 1, antes da narrativa o GC apresentava uma pontuação média de emoções positivas de 23.65 enquanto o GE apresentava uma pontuação média de emoções positivas de 25.30, contudo, após a

narrativa, o GC passou a apresentar uma pontuação média de emoções positivas de 23.35 enquanto o GE passou a apresentar uma pontuação média de emoções positivas de 15.85, verificando-se assim uma diminuição significativa da pontuação média de emoções positivas do GE relativamente ao GC. Deste modo, no que concerne às emoções positivas, é possível verificar a existência de uma interação significativa de elevada magnitude [$F(1,38) = 19.82$, $p < 0.001$, $\eta_p^2 = 0.343$] entre grupos, por momento.

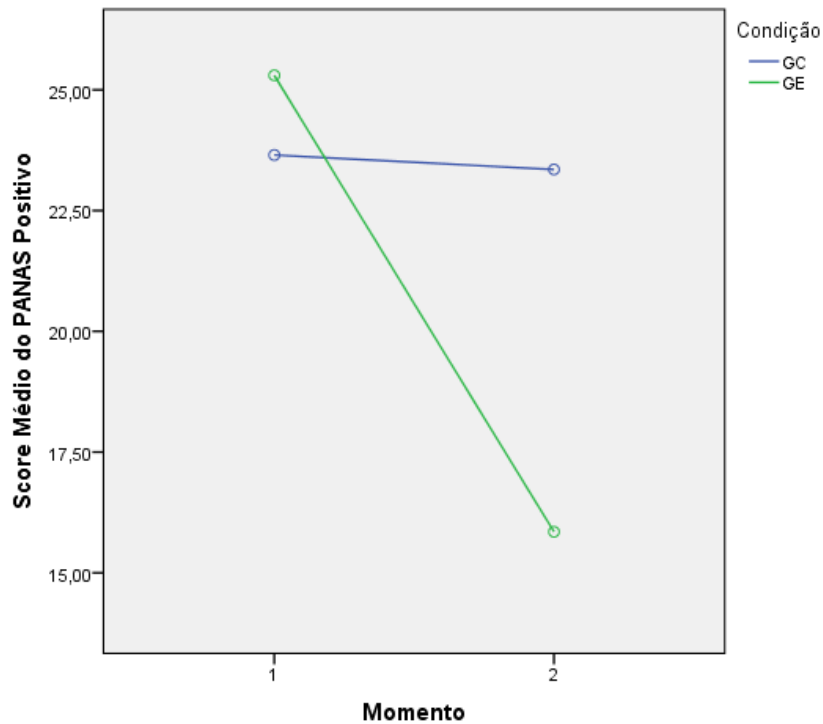


Figura 1. Pontuação no PANAS para as emoções positivas em cada momento (antes e após a narrativa) em função dos grupos (GC vs GE).

Quanto às emoções negativas, tal como se pode observar na figura 2, antes da narrativa o GC apresentava uma pontuação média de emoções negativas de 12.20 enquanto o GE apresentava uma pontuação média de emoções negativas de 12.15, contudo, após a narrativa, o GC passou a apresentar uma pontuação média de emoções negativas de 11.35 enquanto o GE passou a apresentar uma pontuação média de emoções negativas de 16.95, verificando-se assim um significativo aumento da pontuação média de emoções negativas do GE relativamente ao GC. Podemos também destacar que as emoções negativas mais relatadas pelo GE, após a narrativa, foram “perturbado”, com uma média de 2.30 (± 1.13); “culpa”, com uma média de 2.42 (± 0.96); e “remorsos”, com uma média de 2.35 (± 0.75).

Deste modo, no que se refere às emoções negativas, é possível verificar a existência um efeito significativo de elevada magnitude [$F(1,38) = 23.61, p < 0.001, \eta_p^2 = 0.383$] entre a condição e o momento.

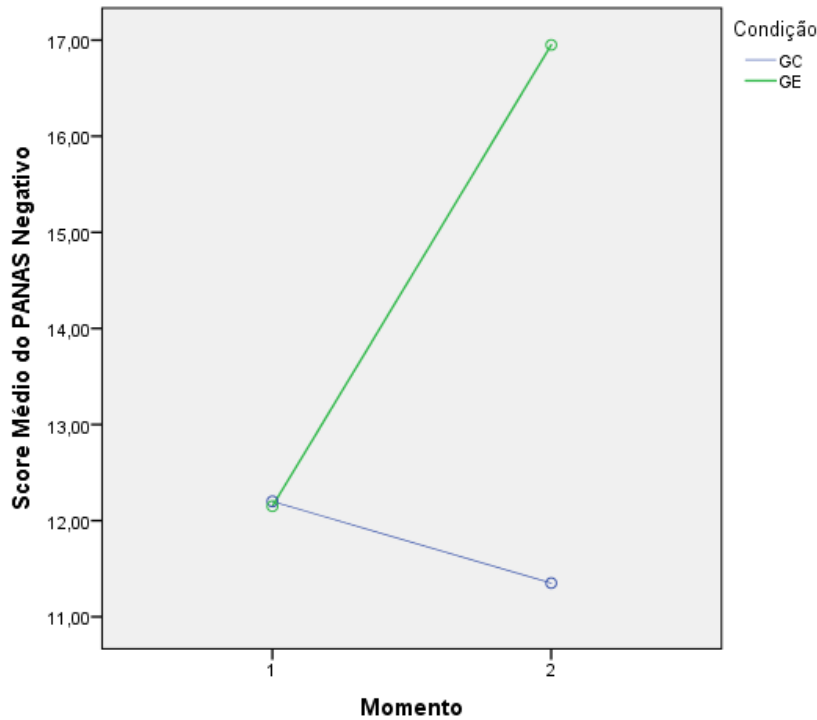


Figura 2. Pontuação no PANAS para as emoções negativas em cada momento (antes e após a narrativa) em função dos grupos (GC vs GE).

IV. Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo a indução de contaminação mental em perpetradores de traição, com o fim de perceber o efeito que esta tem no surgimento de emoções negativas, de comportamentos de neutralização (i.e. compulsões de lavagem e consumo de água) e de sentimentos de nojo. Este pressuposto baseou-se em estudos que revelam que os episódios de traição podem constituir um trauma (Cromer e colaboradores, 2007) e ajudam a desenvolver sentimentos característicos da PPST e POC como, por exemplo, sentimentos de contaminação mental (Coughtrey e colaboradores, 2012) e compulsões de lavagem (Rachman, 2010), tal como contribuem para aumentar emoções negativas

(Firbrother e colaboradores, 2005). Embora a maioria destes estudos se centrem no desenvolvimento de sentimentos de contaminação mental em vítimas de traição, os efeitos da mesma no perpetrador têm vindo a ser recentemente alvo de interesse pela comunidade científica (Rachman, 2010).

Dada a atualidade e pertinência do tema e para a prossecução do nosso objetivo, foram avaliados 40 participantes, subdivididos em dois grupos, numa tarefa de recordação de narrativa de um episódio de vida (de traição e neutro). Com o objetivo de garantir a homogeneidade entre grupos nas suas variáveis socio-demográficas e psicopatológicas, todos os participantes responderam a um conjunto de questionários com informação sociodemográfica e clínica. Foram registadas apenas diferenças estatisticamente significativas, entre os grupos, para a variável escolaridade e estado civil, verificando-se que o GE tem menos participantes solteiros e uma escolaridade superior. Este facto, sobretudo a diferença de escolaridade, pode constituir um constrangimento à interpretação dos restantes resultados.

Depois caracterizados os participantes e depois de verificarmos que não existiram problemas, em ambos os grupos, ao nível da compreensão da tarefa e na qualidade da recordação, tentámos analisar e interpretar os resultados subjacentes às predições formuladas para este estudo.

Em relação à contaminação mental e à nossa primeira hipótese (A recordação de uma situação de traição, produzirá nos perpetradores da mesma, sentimentos de contaminação mental), verificou-se que a recordação da situação provocou nos participantes do GE níveis significativamente mais elevados de incomodo, do que os registados pelo GC. Essa sensação de incomodo foi maioritariamente definida como “mal-estar” e, numa tentativa de diminuir essa sensação, os participantes optaram maioritariamente por “não pensar no assunto/pensar noutra coisa”.

Observou-se ainda que os participantes do GE revelaram ter sentido níveis significativamente mais elevados de contaminação mental, em comparação com o GC. Este resultado vai ao encontro de outros resultados obtidos por Elliott e Radomsky (2009b citado por Rachman, 2010), que através da manipulação do paradigma “*Dirty Kiss*”, testaram a possibilidade de indução de sentimentos de contaminação mental através da imaginação de atos não consensuais e inaceitáveis perpetrados pelo próprio, observando que os participantes submetidos à gravação referente ao cenário em que eram perpetradores de beijo não-

consensual relataram significativamente mais sentimentos de poluição mental, em relação aos participantes submetidos à gravação referente ao cenário de beijo consensual. Do mesmo modo, Rachman e colaboradores (2012), também procederam à manipulação do paradigma do “*Dirty Kiss*” e, utilizando um procedimento semelhante ao procedimento do presente estudo, também observaram resultados idênticos. Além disso, estes resultados vêm ainda confirmar os pressupostos de Elliott e Radomsky (2009,2012) e Rachman (2010) que indicam que eventos ou pensamentos percebidos como errados, inapropriados ou imorais, como é o caso da traição, podem desenvolver sentimentos de contaminação mental.

Contudo, relativamente aos níveis de contaminação interna não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Não obstante, confirma-se a primeira hipótese do estudo, mais especificamente, a recordação de uma situação de traição pode produzir nos perpetradores sentimentos de contaminação mental.

Quanto aos comportamentos de neutralização, relativos à segunda hipótese (A recordação de uma situação de traição, produzirá nos perpetradores, comportamentos de neutralização, como impulsos de lavagem e consumo de água), verificámos a inexistência de diferenças significativas entre grupos. Ao contrário de estudos anteriores, como o de Rachman e colaboradores (2012), é possível concluir que, embora a recordação de uma situação de traição tenha produzido, nos perpetradores, mais sentimentos de contaminação mental, esses sentimentos, no nosso caso, não se revelaram suficientes para produzir comportamentos de neutralização significativos, como o consumo de água e os impulsos de lavagem. Esta situação pode ser justificada pela fraca intensidade e gravidade das situações de traição recordadas, o que pode ter sido influenciado pelo facto de ter sido utilizada uma amostra jovem, com pouca experiência de vida e, provavelmente, com reduzidas experiências de traição. Contudo, o facto de não se terem verificado comportamentos de neutralização significativos, também se poderá dever à existência de um fator mediador entre a traição e/ou contaminação mental e os comportamentos de neutralização, como por exemplo o contato físico, porém não foram encontrados modelos explicativos desta possível relação. Como foi possível observar, embora os estudos anteriormente analisados se centrassem na indução de contaminação mental sem recorrer ao contato físico, estes remetiam para o mesmo através da imaginação de um beijo não-consensual. Assim, embora não exista um contato físico real, estes estudos remetem para um contato físico imaginário, enquanto o presente estudo não remete obrigatoriamente para a existência de qualquer contato físico.

No que concerne aos sentimentos de nojo, terceira hipótese (A recordação de uma situação de traição, produzirá nos perpetradores da mesma, sentimentos de nojo), verificaram-se sentimentos de nojo do perpetrador em relação a si próprio, ou seja, observam-se no GE níveis mais elevados de sentimentos de nojo relativamente ao próprio em comparação com o GC. Estes resultados são consistentes com os de Rachman e colaboradores (2012), onde os participantes submetidos à gravação referente ao cenário em que eram perpetradores de beijo não-consensual relataram significativamente mais sentimentos de nojo. Além disso, no presente estudo, uma vez que o sentimento de nojo foi dividido em duas categorias (relativamente à pessoa que traía e relativamente ao próprio), faz sentido que se tenha verificado que níveis mais elevados de sentimentos de nojo relativamente ao próprio, pois numa situação inaceitável, imoral e traumática, como a traição, a fonte de contaminação é o perpetrador desse ato. Posto isto, confirma-se a terceira hipótese do estudo, mais especificamente, a recordação de uma situação de traição pode produzir nos perpetradores da mesma, sentimentos de nojo relativamente ao próprio.

Quanto à presença de emoções positivas e negativas, anteriores e posteriores à produção da narrativa análise que corresponde à quarta e última hipótese (A recordação de uma situação de traição, produzirá nos perpetradores da mesma, um aumento de emoções negativas), observámos um efeito significativo do momento sobre o decréscimo de emoções positivas no GE. Estes resultados podem ser, eventualmente, justificados pela indução de sentimentos de contaminação mental e pelo surgimento de sentimentos de nojo despoletados pela recordação da situação de traição.

Relativamente às emoções negativas, o GE registou um significativo aumento da sua pontuação média, enquanto o GC registou uma ligeira diminuição das mesmas, sendo possível verificar a existência uma interação entre o momento e o aumento de emoções negativas no GE. Relativamente ao GC, os resultados observados podem ser justificados pela existência de algum nervosismo e apreensão no início da testagem, que foi diminuindo com o decorrer da mesma. Relativamente ao GE, os resultados vão ao encontro dos estudos conduzidos por Elliott e Radomsky (2009b citado por Rachman, 2010) e por Rachman e colaboradores (2012), onde foi observado que os participantes submetidos à gravação referente ao cenário em que eram perpetradores relataram significativamente mais emoções negativas.

As emoções negativas mais enunciadas pelos nossos participantes do GE foram “perturbado”, “culpa” e “remorsos”. Estes resultados são, mais uma vez consistentes com os de Elliott e Radomsky (2009b citado por Rachman, 2010) de Rachman e colaboradores (2012), uma vez que estes também relatam especificamente emoções como a culpa. Deste modo, confirma-se a quarta hipótese do estudo, isto é, a recordação de uma situação de traição pode produzir nos perpetradores da mesma, emoções negativas.

Em síntese, os resultados da presente investigação revelam que a recordação de uma situação de traição, pode produzir nos perpetradores da mesma, sentimentos de contaminação mental, porém estes sentimentos não se revelaram suficientes para produzir comportamentos de neutralização significativos, como o consumo de água e os impulsos de lavagem. Estes resultados revelam também que a recordação de uma situação de traição, pode produzir nos perpetradores da mesma, sentimentos de nojo relativamente ao próprio, tal como um aumento de emoções negativas e diminuição de emoções positivas.

Não obstante os resultados obtidos, a presente investigação apresenta algumas limitações. Uma das grandes ameaças à investigação diz respeito ao tamanho e heterogeneidade da amostra, nomeadamente no que toca à idade, estado civil e habilitações literárias dos participantes. Uma vez que se trata de uma amostra pequena, a generalização dos resultados obtidos pode ser colocada em causa. Além disso, o facto da amostra ser constituída por participantes muito jovens e com pouca experiência de vida, torna mais difícil aceder a uma maior diversidade de situações de traição. Deste modo, a interação destes dois fatores, isto é o facto de se tratar de uma amostra pequena e jovem, foi um obstáculo à categorização dos tipos de traição. Inicialmente pretendia-se dividir os participantes do GE de acordo com o tipo de traição relatada, de modo a realizar uma posterior análise de comparação entre os tipos de traição. Contudo, uma vez que o número de episódios de traição recolhidos foi reduzido e pouco diversificado, tornou-se inevitável optar por uma análise geral dos mesmos.

Outra limitação é o facto de se verificarem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos relativamente ao estado civil e às habilitações literárias, mais especificamente o GE tem menos participantes solteiros e mais participantes com licenciatura completa e o GC possui uma média de habilitações superior ao GE. Com isto conclui-se que os grupos não são iguais, não se podendo garantir a homogeneidade dos dados sociodemográficos.

Além disso, o facto deste estudo possuir um carácter experimental fez com que fosse os participantes tivessem que dispendir algum tempo com o mesmo, o que pode ter induzido

algum cansaço, principalmente nos participantes do GE, visto terem sido expostos a uma tarefa emocionalmente mais exigente e desgastante.

Do mesmo modo, a técnica de amostragem por conveniência também se coloca como uma limitação ao presente estudo. Este tipo de amostragem apresenta alguns obstáculos como o facto de se tratarem, muitas vezes, de participantes próximos do meio social do investigador. Devido a isso, frequentemente, surgem problemas associados ao anonimato e confidencialidade dos dados, colocando em causa a veracidade dos dados cedidos pelos participantes e a disponibilidade dos mesmos para de comprometerem e envolverem com a investigação.

Assim, propõe-se que estudos futuros testem os resultados obtidos, visando amostras maiores e com uma faixa etária mais abrangente e elevada, para que seja possível contar com participantes com uma maior experiência de vida, de modo a recolher episódios de traição mais diversificados e complexos, com maior gravidade e intensidade, assegurando a possibilidade de realizar análises de comparação entre os diversos tipos de traição.

Além disso, seria importante repensar o procedimento de recola de dados, uma vez que o presente procedimento se revelou falível. Deste modo, propõe-se que se possa realizar a recolha das narrativas dos episódios de traição num laboratório mas através de uma plataforma informática, garantindo um maior anonimato dos participantes e uma maior disponibilidade dos mesmos para revelarem informações pessoais relevantes para o objetivo do estudo.

Também parece relevante que seja controlado o fator contato físico, uma vez que este pode mediar a relação entre a traição e/ou contaminação mental e os comportamentos de neutralização. Do mesmo modo, deverão ser melhor explorados os sentimentos de culpa, visto serem apontados pelo presente estudo e por outros investigadores, como um dos sentimentos negativos que mais se ativam entre os perpetradores de traição.

Sugere-se ainda que estudos futuros examinem o efeito que a supressão do pensamento pode ter na contaminação mental, relativamente a este tipo de eventos (Coughtrey e colaboradores, 2014), tal como as diferenças que se podem verificar entre o género feminino e masculino (Elliott & Radomsky, 2009). Além disso, também seria importante ter em conta e diferenciar as distintas formas de contaminação mental (Fairbrother e colaboradores, 2005; Rachman e colaboradores, 2012), tal como os distintos tipos de traição.

Posto isto, parece ser importante continuar a explorar esta temática, pois um conhecimento mais aprofundado destas situações pode contribuir para uma melhor

compreensão dos mecanismos envolvidos no desenvolvimento e manutenção dos sintomas de contaminação mental e compulsões de lavagem, característicos da PPST e a POC. Além disso, permite ainda explorar os fatores a ter em conta no tratamento e prevenção das mesmas, tal como na recuperação de situações de traição.

Referências Bibliográficas

- Badour, C. L., Feldner, M. T., Babson, K. A., Blumenthal, H., & Dutton, C. E. (2013). Disgust, mental contamination, and posttraumatic stress: Unique relations following sexual versus non-sexual assault. *Journal of Anxiety Disorders, 27*(1), 155-162.
- Badour, C. L., Feldner, M. T., Blumenthal, H., & Bujarski, S. J. (2013). Examination of Increased Mental Contamination as a Potential Mechanism in the Association Between Disgust Sensitivity and Sexual Assault-Related Posttraumatic Stress. *Cognitive Therapy and Research, 37*(4), 697-703.
- Coughtrey, A. E., Shafran, R., Knibbs, D., & Rachman, S. J. (2012). Mental contamination in obsessive-compulsive disorder. *Journal of Obsessive-Compulsive and Related Disorders, 1*(4), 244-250.
- Coughtrey, A. E., Shafran, R., Lee, M., & Rachman, S. J. (2012). It's the Feeling Inside My Head: A Qualitative Analysis of Mental Contamination in Obsessive-Compulsive Disorder. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy, 40*(2), 163-173.
- Coughtrey, A. E., Shafran, R., & Rachman, S. J. (2014). The spontaneous decay and persistence of mental contamination: An experimental analysis. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry, 45*(1), 90-96.
- Cromer, K. R., Schmidt, N. B., & Murphy, D. L. (2007). An investigation of traumatic life events and obsessive-compulsive disorder. *Behaviour Research and Therapy, 45*(7), 995-1003.
- Elliott, C. M., & Radomsky, A. S. (2009). Analyses of mental contamination: Part I, experimental manipulations of morality. *Behaviour Research and Therapy, 47*(12), 995-1003.
- Elliott, C. M., & Radomsky, A. S. (2012). Mental contamination: The effects of imagined physical dirt and immoral behaviour. *Behaviour Research and Therapy, 50*(6), 422-427.
- Fairbrother, N., Newth, S. J., & Rachman, S. (2005). Mental pollution: feelings of dirtiness without physical contact. *Behaviour Research and Therapy, 43*(1), 121-130.
- Fairbrother, N., & Rachman, S. (2004). Feelings of mental pollution subsequent to sexual assault. *Behaviour Research and Therapy, 42*(2), 173-189.
- Lee, M., Shafran, R., Burgess, C., Carpenter, J., Millard, E., & Thorpe, S. (2013). The induction of mental and contact contamination. *Clinical Psychologist, 17*(1), 9-16.
- Olafsson, R. P., Emmelkamp, P. M. G., Gunnarsdottir, E. R., Snaebjornsson, T. I., Olason, D. T., & Kristjansson, A. (2013). Suppressing disgust related thoughts and performance on a subsequent behavioural avoidance task: Implications for OCD. *Behaviour Research and Therapy, 51*(3), 152-160.
- Olatunji, B. O., Lohr, J. M., Sawchuk, C. N., & Tolin, D. F. (2007). Multimodal assessment of disgust in contamination-related obsessive-compulsive disorder. *Behaviour Research and Therapy, 45*(2), 263-276.

- Rachman, S. (1993). Obsessions, responsibility and guilt. *Behaviour Research and Therapy*, *31*, 149-154.
- Rachman, S. (2010). Betrayal: A psychological analysis. *Behaviour Research and Therapy*, *48*(4), 304-311.
- Shafran, R., Thordarson, D. S., & Rachman, S. (1996). Thought-action fusion in obsessive compulsive disorder. *Journal of Anxiety Disorders*, *10*(5), 379-391.

Anexos

Anexo I. Consentimento Informado

A presente investigação está a ser desenvolvida no âmbito de uma Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade do Algarve, pela aluna Andreia Filipa Dias Alves, sob a orientação da Prof.^a Doutora Ana Teresa Martins.

Tem como objetivo estudar o impacto que as situações de traição podem ter na contaminação mental.

Poderão participar neste estudo estudantes universitários com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, de ambos os sexos, que voluntariamente se disponibilizem para o fazer.

Se aceitar colaborar, ser-lhe-á pedido que responda a cinco questionários e que participe num paradigma experimental, que no total lhe tomará cerca de 30 minutos. Para a participação neste estudo experimental ser-lhe-á solicitado que relate uma situação marcante da sua vida, na qual se tenha sentido ter traído alguém. O relato será feito por escrito, sendo que no fim de todo o procedimento deverá colocá-lo com os restantes questionários num envelope branco fechado, que terá apenas um número. Posteriormente, deverá colocar o envelope dentro de uma caixa que estará à disposição do participante dentro da sala. Uma vez recolhidos os relatos de todos os participantes da experiência, a caixa será entregue de forma sequencial a dois investigadores independentes, que não terão conhecimento do objetivo da experiência, nem da identidade das pessoas que nela participaram. Será solicitado aos investigadores que atribuam ao número de cada envelope um tipo de traição, tendo em conta categorias previamente estabelecidas. Todos os relatos serão destruídos pelos mesmos, assim que a tarefa de categorização estiver finalizada. Deste modo, garantimos que os dados recolhidos serão totalmente anónimos e confidenciais e que a sua utilização será apenas para fins científicos.

A sua participação é importante e pode contribuir para uma melhor compreensão dos mecanismos envolvidos no desenvolvimento e manutenção da Perturbação Obsessivo-Compulsiva.

Como já foi referido garantimos a total confidencialidade dos dados que nos possa proporcionar e que estes serão apenas utilizados para fins da investigação em questão.

Relembramos que a sua participação é voluntária e que caso recuse participar ou decida desistir em qualquer momento, não terá qualquer consequência negativa.

Caso aceite participar na presente investigação, por favor preencha o espaço abaixo indicado:

Tomei conhecimento e compreendi a informação acima descrita e aceito, de livre vontade, participar neste estudo e preencher os questionários que se seguem.

Data: __/__/__

(a sua assinatura)

Agradeço a sua colaboração e disponibilidade.

Obrigada,
Andreia Alves

Departamento de Psicologia

Idade: _____ anos

Género: Feminino

Masculino

Estado Civil:

Solteiro

Casado

Divorciado

Viúvo

Nº do agregado familiar: _____

Nacionalidade: _____ **Naturalidade:** _____

Habilitações Literárias:

1º ciclo do ensino básico (até ao 4ºano)

Licenciatura

2º ciclo do ensino básico (até ao 6ºano)

Bacharelato

3º ciclo do ensino básico (até ao 9ºano)

Pós-Graduação

Ensino secundário

Mestrado

Curso tecnológico/ profissional

Doutoramento

Área de estudos (caso se aplique): _____

Profissão: _____

Estatuto sócio-económico:

Baixo

Médio

Alto

Ideologia religiosa: _____

Em que medida se considera religioso:

Nada						Religioso
Totalmente	1	2	3	4	5	Religioso

Anexo III. Questionários de Informação Psicológica e Psicopatológica

The Vancouver Obsessional Compulsive Inventory (VOCI; Thordarson, Radomsky, Rachman, Roz Chafran, Sawchuk & Hakstian, 2004)

Este inventário avalia os sintomas característicos da perturbação obsessivo-compulsiva através de uma escala tipo Likert, pontuada de 0 a 4, em que 0 corresponde a “Nada” e 4 corresponde a “Muito”. É composto por 55 ítems, divididos por seis sub-escalas: Contaminação (12 ítems), Verificação (6 ítems), Obsessões (12 ítems), Acumulação (7 ítems), *Just Right* (12 ítems) e Indecisão (6 ítems).

Contamination Sensitive Scale (S-CTN; Rachman, 2005)

Esta escala é aplicada com o objetivo de avaliar a sensibilidade dos indivíduos à contaminação, ou seja, o grau em que se sentem incomodados ou perturbados pela sensação de estar contaminado. É um instrumento composto por 24 itens de resposta de tipo Likert, de 0 a 4, sendo que 0 corresponde a “Discordo Fortemente” e 4 a “Concordo Fortemente”.

Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MC-SDS; Crowne & Marlowe, 1960)

Esta escala é utilizada para medir o nível de desejabilidade social, isto é, a tendência que as pessoas têm para dar respostas socialmente aceitas, evitando as respostas que são consideradas desfavoráveis pela sociedade. Este instrumento é uma tradução do original, sendo composto por 33 itens de resposta de tipo Likert, de 1 a 7, em que 1 corresponde a “discordo totalmente” e 7 a “concordo totalmente”.

Anexo IV. *The Vancouver Obsessional Compulsive Inventory (VOCI)*

Por favor faça um círculo à volta do número que melhor descreve em que medida as seguintes afirmações são verdadeiras para si. Tente não demorar muito tempo em cada afirmação. Agradecemos que verifique se respondeu a todas as questões.

	Nada	Pouco	Algum	Muito	Imenso
1. Sinto-me compelido/a a verificar as cartas vezes sem conta antes de as enviar.	0	1	2	3	4
2. Sinto-me muitas vezes perturbado/a por pensamentos indesejados de usar uma arma afiada.	0	1	2	3	4
3. Sinto-me muito sujo/a depois de tocar em dinheiro.	0	1	2	3	4
4. Para mim é muito difícil tomar até as decisões mais simples.	0	1	2	3	4
5. Sinto-me compelido/a a ser absolutamente perfeito/a.	0	1	2	3	4
6. Experiencio repetidamente o mesmo pensamento ou imagem indesejada de um acidente.	0	1	2	3	4
7. Repetidamente verifico e volto a verificar coisas como torneiras e interruptores depois de os desligar.	0	1	2	3	4
8. Uso uma quantidade excessiva de desinfetantes para manter a minha casa e a mim próprio/a a salvo de germes.	0	1	2	3	4
9. Sinto-me frequentemente compelido/a a memorizar coisas banais (ex., número de matrículas, instruções nos rótulos).	0	1	2	3	4
10. Tenho problemas para realizar as atividades domésticas normais porque a minha casa está atafalhada com coisas que acumulo.	0	1	2	3	4
11. Depois de decidir algo, normalmente fico muito tempo preocupado/a com a minha decisão.	0	1	2	3	4
12. Considero que quase todos os dias sou perturbado/a por pensamentos desagradáveis que surgem na minha mente contra a minha vontade.	0	1	2	3	4
13. Dispenso demasiado tempo a lavar as minhas mãos.	0	1	2	3	4
14. Muitas vezes tenho dificuldade em terminar uma tarefa porque tento fazer tudo perfeito.	0	1	2	3	4
15. Tocar na sola dos meus sapatos deixa-me muito ansioso/a.	0	1	2	3	4

16. Sou muitas vezes perturbado por pensamentos ou imagens indesejadas de actos sexuais.	0	1	2	3	4
17. Fico muito ansioso/a quando tenho de tomar até a mais pequena decisão.	0	1	2	3	4
18. Sinto-me compelido a seguir uma rotina muito estrita quando faço coisas do dia-a-dia.	0	1	2	3	4
19. Sinto-me perturbado se a minha mobília ou outros bens não estiverem sempre exactamente na mesma posição.	0	1	2	3	4
20. Verifico repetidamente se as minhas portas ou janelas estão trancadas, mesmo que tente resistir ao impulso de o fazer.	0	1	2	3	4
21. Para mim é muito difícil tocar em lixo ou caixotes do lixo.	0	1	2	3	4
22. Fico muito perturbado/a quando penso em deitar algo fora.	0	1	2	3	4
23. Preocupo-me excessivamente com germes e doenças.	0	1	2	3	4
24. Atraso-me frequentemente porque não consigo realizar as tarefas do dia-a-dia a tempo.	0	1	2	3	4
25. Evito usar telefones públicos devido a uma possível contaminação.	0	1	2	3	4
26. Fico embaraçado/a por convidar pessoas para irem a minha casa porque está cheia de coisas inúteis que tenho vindo a guardar.	0	1	2	3	4
27. Experiencio repetidamente o mesmo pensamento ou imagem perturbadora sobre a morte.	0	1	2	3	4
28. Sou frequentemente perturbado/a por pensamentos ou imagens indesejadas de deixar escapar obscenidades ou insultos em público.	0	1	2	3	4
29. Preocupo-me demasiado por poder estar a aborrecer outras pessoas.	0	1	2	3	4
30. Sinto-me frequentemente assustado/a por impulsos indesejados de conduzir ou correr no meio do tráfego.	0	1	2	3	4
31. Quase sempre faço contagens enquanto faço uma tarefa de rotina.	0	1	2	3	4
32. Sinto-me muito contaminado/a se tocar num animal.	0	1	2	3	4
33. Um dos meus maiores problemas é a verificação repetitiva.	0	1	2	3	4
34. Experiencio frequentemente pensamentos perturbadores e indesejados sobre a perda de controlo.	0	1	2	3	4

35. Para mim é quase impossível decidir o que manter e o que deitar fora.	0	1	2	3	4
36. Sinto-me fortemente compelido/a a fazer contagens de coisas.	0	1	2	3	4
37. Verifico repetidamente se o meu fogão está desligado, mesmo que tente resistir ao impulso de o fazer.	0	1	2	3	4
38. Fico muito perturbado/a se não conseguir cumprir a rotina de me deitar exatamente da mesma forma todas as noites.	0	1	2	3	4
39. Tenho muito medo de ter até o mínimo contacto com secreções corporais (sangue, urina, suor, etc.).	0	1	2	3	4
40. Sou frequentemente perturbado/a por impulsos indesejados de magoar outras pessoas.	0	1	2	3	4
41. Dispenso muito tempo todos os dias a verificar as coisas vezes sem conta.	0	1	2	3	4
42. Causa-me problemas deitar algo fora, por medo de estar a desperdiçar.	0	1	2	3	4
43. Frequentemente tenho de verificar variadas vezes coisas como interruptores, torneiras, aparelhos e portas.	0	1	2	3	4
44. Um dos meus maiores problemas é que estou excessivamente preocupado/a com as limpezas.	0	1	2	3	4
45. Sinto-me compelido a guardar durante muito tempo demasiadas coisas como revistas velhas, jornais e recibos porque tenho receio de precisar delas no futuro.	0	1	2	3	4
46. Experiencio repetidamente pensamentos perturbadores e inaceitáveis de natureza religiosa.	0	1	2	3	4
47. Tendo a atrasar-me no meu trabalho porque repito a mesma coisa vezes em conta.	0	1	2	3	4
48. Tento não tomar decisões, porque tenho muito medo de errar.	0	1	2	3	4
49. Experiencio muitas vezes pensamentos perturbadores e indesejados sobre doenças.	0	1	2	3	4
50. Receio utilizar casas de banho públicas, mesmo quando estão bem cuidadas, devido à minha preocupação com os germes.	0	1	2	3	4
51. Apesar de tentar resistir, sinto-me compelido/a a acumular uma grande quantidade de coisas que na verdade nunca utilizo.	0	1	2	3	4

52. Experiencio repetidamente pensamentos imorais perturbadores e indesejados.	0	1	2	3	4
53. Um dos meus maiores problemas é prestar demasiada atenção aos detalhes.	0	1	2	3	4
54. Sou frequentemente perturbado/a por impulsos indesejados de me magoar a mim mesmo/a.	0	1	2	3	4
55. Dispensio demasiado tempo a preparar-me para sair de casa todos os dias porque tenho que fazer tudo exatamente certo.	0	1	2	3	4

Anexo V. Contamination Sensitive Scale (S-CTN)

A seguir apresenta-se uma lista de afirmações. Por favor coloque um círculo à volta do número que melhor descreva em que medida discorda ou concorda com as mesmas. Não existem respostas certas ou erradas pelo que lhe pedimos que seja o mais sincero/a e espontâneo/a possível.

	Discordo fortemente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo fortemente
1. Aterroriza-me quando sinto as minhas mãos pegajosas.	0	1	2	3	4
2. Quando está algo de errado com o meu estômago, fico preocupado/a com a possibilidade de estar seriamente doente.	0	1	2	3	4
3. Fico aterrorizado/a quando me sinto sujo/a por dentro.	0	1	2	3	4
4. Consigo sempre cheirar se alguma coisa estiver a apodrecer.	0	1	2	3	4
5. É sempre importante para mim lavar-me até estar absolutamente limpo/a.	0	1	2	3	4
6. Quando não consigo livrar-me da preocupação com a contaminação, fico nervoso/a por poder estar a ficar louco/a.	0	1	2	3	4
7. Tocar em roupas que pertencem a alguém que detesto pode deixar-me nervoso/a.	0	1	2	3	4
8. Comer fruta ou vegetais que não são orgânicos faz-me sentir tenso/a e nervoso/a.	0	1	2	3	4
9. Afasto-me de pessoas que pareçam doentes.	0	1	2	3	4
10. Para mim, cheiros desagradáveis são extremamente enjoativos.	0	1	2	3	4

11. Aterroriza-me quando me sinto sujo/a debaixo da minha pele.	0	1	2	3	4
12. É importante para mim manter-me bem longe de pessoas esquisitas ou mentalmente instáveis.	0	1	2	3	4
13. Aterroriza-me quando sinto a minha pele irritada.	0	1	2	3	4
14. Quando me sinto muito contaminado/a fico nervoso/a por poder estar a ficar mentalmente instável.	0	1	2	3	4
15. Para mim é muito mais seguro comer fruta à qual se possa tirar a pele.	0	1	2	3	4
16. Apanho doenças muito mais facilmente do que as outras pessoas.	0	1	2	3	4
17. As pessoas notam quando me sinto contaminado/a.	0	1	2	3	4
18. Fico muito nervoso/a se uma pessoa esquisita ou mentalmente instável se aproxima de mim.	0	1	2	3	4
19. Vejo logo quando a comida não é completamente fresca.	0	1	2	3	4
20. Sou extremamente sensível a sabores.	0	1	2	3	4
21. Aterroriza-me quando me sinto contaminado/a.	0	1	2	3	4
22. Preocupa-me apanhar alguma doença sempre que visito um hospital.	0	1	2	3	4
23. Sensações não usuais na minha pele deixam-me muito nervoso/a.	0	1	2	3	4
24. Sou extremamente sensível a cheiros.	0	1	2	3	4

Anexo VI. Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MC-SDS)

Indique em que medida cada uma das afirmações se aplica a si. Quanto mais o comportamento se aplicar a si, maior o nº que deve registar, considerando uma escala crescente de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente).

	Discordo Totalmente					Concordo Totalmente	
1. Investigo cuidadosamente as qualificações de todos os candidatos, antes de votar.	1	2	3	4	5	6	7
2. Hesito sempre em fazer um desvio do meu caminho para ajudar alguém com problemas.	1	2	3	4	5	6	7
3. É difícil para mim, continuar com o meu trabalho quando estou desmotivado(a).	1	2	3	4	5	6	7
4. Nunca me aconteceu detestar alguém.	1	2	3	4	5	6	7
5. Já duvidei das minhas capacidades para ser bem sucedido(a) na vida.	1	2	3	4	5	6	7
6. Fico irritado(a) quando as coisas não correm como eu queria.	1	2	3	4	5	6	7
7. Sou sempre cuidadoso(a) na forma como me visto.	1	2	3	4	5	6	7
8. As minhas maneiras à mesa, em casa, são tão boas quanto as que uso quando como num restaurante.	1	2	3	4	5	6	7
9. Se conseguisse ir ao cinema sem pagar e soubesse que não seria descoberto(a), fá-lo-ia.	1	2	3	4	5	6	7
10. Já desisti de fazer algo por confiar pouco nas minhas capacidades.	1	2	3	4	5	6	7
11. Eu gosto de bisbilhotar.	1	2	3	4	5	6	7
12. Já me aconteceu ter vontade de me revoltar perante as autoridades, mesmo sabendo que não tinha razão.	1	2	3	4	5	6	7
13. Independentemente de com quem esteja a falar, sou sempre um(a) bom(a) ouvinte.	1	2	3	4	5	6	7
13. Já fingi estar doente para evitar alguma situação.	1	2	3	4	5	6	7
15. Já houve situações em que me aproveitei de	1	2	3	4	5	6	7

alguém.							
16. Estou sempre disposto(a) a admitir quando cometo erros.	1	2	3	4	5	6	7
17. Faço sempre aquilo que defendo.	1	2	3	4	5	6	7
18. Acho particularmente difícil aturar pessoas rudes e indelicadas.	1	2	3	4	5	6	7
19. Prefiro vingar-me a perdoar e esquecer.	1	2	3	4	5	6	7
20. Tenho dificuldades em admitir que sei pouco sobre um determinado assunto.	1	2	3	4	5	6	7
21. Sou sempre cordial, mesmo para as pessoas que são desagradáveis.	1	2	3	4	5	6	7
22. Já insisti em levar por diante as minhas ideias.	1	2	3	4	5	6	7
23. Já senti vontade de partir coisas.	1	2	3	4	5	6	7
24. Deixaria alguém ser punido pelos meus erros.	1	2	3	4	5	6	7
25. Fico aborrecido(a) quando alguém me pede a retribuição de um favor.	1	2	3	4	5	6	7
26. Fico aborrecido(a) quando alguém expressa ideias completamente diferentes das minhas.	1	2	3	4	5	6	7
27. Quando faço uma longa viagem verifico sempre a segurança do meu carro.	1	2	3	4	5	6	7
28. Já senti inveja das coisas boas que acontecem aos outros.	1	2	3	4	5	6	7
29. Já senti necessidade de “pôr alguém no seu lugar” (repreender).	1	2	3	4	5	6	7
30. Sinto-me irritado(a) com as pessoas que me pedem favores.	1	2	3	4	5	6	7
31. Já senti ter sido fui punido(a) sem razão.	1	2	3	4	5	6	7
32. Acho que quando as pessoas têm um azar, apenas têm o que merecem.	1	2	3	4	5	6	7
33. Já disse, de propósito, algo que ferisse os sentimentos de alguém.	1	2	3	4	5	6	7

Anexo VII. *Positive and Negative Affect Schedule (PANAS)*

A presente escala tem como objetivo avaliar os estados emocionais específicos do momento. A versão portuguesa é organizada em duas sub-escalas, constituídas por 10 itens de afeto positivo e 10 itens de afeto negativo. Os itens da escala correspondem a 20 emoções classificadas de acordo com uma escala de tipo Likert, de 1 a 5, em que 1 corresponde a “Nada ou muito ligeiramente” e o 5 “Extremamente”.

Esta escala consiste num conjunto de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Leia cada palavra e marque a resposta adequada no espaço anterior à palavra.

Indique em que medida sentiu cada uma das emoções, agora, ou seja, neste momento:

1 Nada ou muito Ligeiramente | **2** Um Pouco | **3** Moderadamente | **4** Bastante | **5** Extremamente

___ Interessado

___ Orgulhoso

___ Perturbado

___ Irritado

___ Excitado

___ Encantado

___ Atormentado

___ Remorsos

___ Agradavelmente surpreendido

___ Inspirado

___ Culpado

___ Nervoso

___ Assustado

___ Determinado

___ Caloroso

___ Trémulo

___ Repulsa

___ Ativo

___ Entusiasmado

___ Amedrontado

Anexo VIII. Entrevista

Entrevista: A entrevista é composta por doze questões que terão como objetivo de explorar o desenvolvimento de sentimentos de contaminação mental, de compulsões de lavagem e de sentimentos de nojo. Além disso, esta permitirá também recolher informações sobre a clareza das instruções que foram dadas aos participantes, assim como sobre o surgimento de algumas sensações de desconforto que o paradigma experimental lhes possa ter induzido.

Coloque uma cruz na resposta que melhor identifique a sua opinião relativamente às questões.

- 1- Em que medida considera que a instrução das tarefas que lhe foram dadas foi clara?

Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	Extremamente

- 2- Quão vivida foi a recordação da situação relatada?

Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	Extremamente

- 3- Em que medida a recordação da situação o/a fez sentir-se incomodado/a?

Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	Extremamente

Como define essa sensação de incómodo?

O que fez para reduzi-la?

4- Bebeu água durante o tempo em que esteve sozinho/a? _____

Se sim, porque motivo o fez? _____

5- Depois de recordar a situação sentiu necessidade de utilizar a casa de banho para lavar ou limpar alguma parte do seu corpo? _____

Se sim, que parte e porquê?

6- Se fez alguma destas coisas com o objetivo de eliminar possíveis sensações de sujidade, sentiu-se mais limpo/a depois de o fazer?

7- Em que medida considera que a recordação da situação o/a fez sentir-se mentalmente contaminado/a?

Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	Extremamente

8- Em que medida considera que a situação imaginada o fez sentir-se contaminado/a de uma forma que não consegue descrever em termos físicos, ou seja, com uma sensação de estar contaminado/a internamente?

Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	Extremamente

9- Em que medida a situação recordada o/a deixou com a sensação de estar contaminado/a externamente?

Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	Extremamente

10- Neste caso consegue localizar a sujidade nalguma parte do interior ou exterior do seu corpo? _____

Se sim, em que parte?_____

11- Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo da/as pessoa/as que traíu?

Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	Extremamente

12- Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo de si próprio/a?

Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	Extremamente

Obrigada pela sua colaboração